

PERCEÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR DE SAÚDE PÚBLICA EM ÁREA DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL

Environmental perception as a public health issue in a socially vulnerable area of Brazil

Helena Salgueiro Lermen¹, Paul Douglas Fisher²

RESUMO

Os moradores da Vila Parque Santa Anita, uma favela situada no município de Porto Alegre, RS, Brasil, estão expostos a uma série de problemas ambientais que impactam a saúde dos moradores. Identificar como as populações de áreas mais vulneráveis notam e interagem com o seu meio ambiente e a quem eles atribuem a responsabilidade por este, constituem fatores importantes para a construção de políticas públicas mais eficazes. O objetivo desse estudo quanti-qualitativo foi descrever como os moradores percebem sua relação com o meio ambiente da vila. O estudo também comparou a percepção ambiental dos moradores que trabalham com coleta de lixo (catadores) com a do resto da população da vila. Das 85 pessoas que responderam ao questionário, 13 eram catadores. A parte qualitativa do estudo envolveu a distribuição de câmeras descartáveis a cinco catadores e quatro não-catadores. Foi pedido a estes moradores que tirassem fotos do meio ambiente, da poluição e de riscos à saúde. Aos fotógrafos, foi então solicitado que explicassem o significado de suas fotos. Enquanto os moradores com maiores níveis de escolaridade mostraram um maior grau de conhecimento sobre meio ambiente, isso parece não refletido em um maior grau de consciência ambiental. Na análise, não surpreende que aquilo que os não-catadores perceberam como o lixo e poluição, os catadores perceberam como um recurso para sua sobrevivência. Apesar de identificarem várias doenças relacionadas à qualidade do meio ambiente, os participantes tiveram dificuldade de associar suas próprias ações aos danos ambientais. Consideraram os ratos como a principal ameaça a sua saúde, mas não fizeram a conexão entre a presença desses animais com o acúmulo de lixo. De

ABSTRACT

The residents of the the Vila Parque Santa Anita, a slum situated in the municipality of Porto Alegre, RS, Brazil, are chronically exposed to a variety of environmental problems that impact the health of the residents. Identifying how populations in vulnerable areas see and interact with their environment, and to whom they attribute responsibility for it, are important factors to be considered in the development of effective public policies. The objective of this quantitative-qualitative study was to describe how the residents perceive their relationship with the environment. The study also compared the perceptions of residents involved in the informal collection of recyclables with that of the rest of the population. Of the 85 people that responded to the survey, 13 were recyclers. The qualitative part of the study involved distributing disposable cameras to 5 of the recyclers and 4 non-recyclers, who were asked to take photographs of the environment, pollution and the causes of pollution in the area. The photographers were subsequently asked to explain the meaning of their photographs. While residents with higher levels of education exhibited a higher degree of environmental awareness, this was not manifested as a higher degree of environmental consciousness. Not unexpectedly, what non-recyclers perceive as garbage and pollution, recyclers perceive as resources related to their livelihood. While participants identified various health problems related to environmental conditions, they had difficulty associating their own behavior with environmental quality. They considered rats to be the most significant threat to their health but failed to connect the presence of rats with the accumulation of garbage. Respondents tended to place responsibility for addressing environmental pro-

¹ Helena Salgueiro Lermen, psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Especialista em Saúde Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). E-mail: helena_lermen@yahoo.com.br

² Paul Douglas Fisher, biólogo pela University of Victoria (1975). Mestrado em Zoologia - University of Alberta (1979) e doutorado em Fisiologia - University of Alberta (1982). Professor adjunto da University of Victoria, professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e consultor - Canadian Society For International Health.

modo geral, os moradores colocaram a responsabilidade de questões ambientais sobre a prefeitura, o sistema de coleta de lixo e sobre outros moradores, raramente assumindo para si tais problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Meio Ambiente. Saúde Ambiental. Saúde Pública. Lixo. Doença.

INTRODUÇÃO

A Associação de Moradores da Vila Parque Santa Anita (ASMOVISA) vem, ao longo dos anos, trabalhando com crianças e adolescentes questões ecológicas e cidadãs, buscando criar uma rede de multiplicadores da causa. O Arroio Passo Fundo recebe todo o esgoto e uma grande quantidade de lixo da comunidade, apesar de 99% da população ter afirmado participar da coleta municipal do lixo.¹ Já aconteceram vários mutirões de retirada de resíduos sólidos do arroio, mas a comunidade sempre voltou a poluí-lo. Foi constatado que alguns carroceiros retinham quantidade considerável de material reciclável que coletavam. A ASMOVISA já tentou criar um galpão de coleta seletiva, mas a população local de catadores não aderiu à ideia. Compreender a percepção ambiental desta comunidade e trabalhar a partir deste olhar específico pode ser um meio de tornar eficazes futuros projetos de educação ambiental.

Entretanto, a Vila Parque Santa Anita tem outros problemas além dos ambientais. Segundo levantamento realizado em 2004, ano em que o salário mínimo brasileiro era de R\$260,00, a renda per capita de 23% da população da vila era de ¼ de salário mínimo (R\$65,00) e a de 52% dos moradores era de ½ salário mínimo (R\$130,00). O nível de escolaridade da população da vila também era baixo. Cerca de 2/3 dos moradores não concluíram o Ensino Fundamental, o que torna a inserção no mercado de trabalho formal bastante complicada. Metade das pessoas aptas para o mercado de trabalho encontrava-se desempregada.¹

Este trabalho baseou-se na hipótese de que os problemas ambientais estão associados à percepção ambiental dos moradores. É fundamental compreender como as populações socialmente vulneráveis entendem e atuam no meio, pois isso reflete o modo como percebem a sua saúde e a da sociedade, se conhecem e/ou reconhecem riscos e agravos do ambiente onde vivem e quais são suas noções de autocuidado e impacto socioambiental. Somente assim, podem-se tomar atitudes que efetivamente melhorem a qualidade de vida destas pessoas, pois a saúde pública deve ser vista e discutida de forma horizontal, reconhecendo

blems on the municipality, the garbage collection system and other residents but rarely assumed responsibility for the problems themselves.

KEY WORDS: Environment. Environmental Health. Public Health. Garbage. Disease.

as particularidades de cada população e adequando-se a elas.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho foi descrever a percepção ambiental dos moradores da Vila Parque Santa Anita. Especificamente: identificar o que os moradores consideram como problemas ambientais, identificar quem eles acham responsáveis pela qualidade ambiental e onde eles se colocam na lista; identificar as fontes de conhecimento da comunidade sobre meio ambiente; levantar a percepção dos moradores sobre saúde e doenças decorrentes da qualidade ambiental, e comparar a percepção ambiental de catadores e não-catadores de lixo.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi um estudo descritivo, pois buscou expor as percepções da população da Vila Parque Santa Anita em relação ao meio ambiente, ao lixo e à poluição da vila. Foi também um estudo comparativo entre a percepção ambiental dos que trabalham com coleta de material reciclável e os que não exercem essa atividade.

A abordagem quantitativa permitiu uma análise que mede opiniões e atitudes populacionais. Já o método qualitativo buscou maior aprofundamento subjetivo nas percepções dos moradores, pois ofereceu-lhes maior liberdade para expressão. A combinação desses dois métodos foi escolhida, pois a presente pesquisa visou não apenas identificar as percepções, mas também melhor compreendê-las.² Morse citado por Neves³ caracteriza como “triangulação simultânea” a união entre os dois métodos e salienta que eles têm pouca interação durante a coleta de dados, mas que se complementam no processo de análise.

Coleta de dados

A pesquisa foi realizada durante os meses de março e abril de 2008. Participaram 85 moradores, 13 destes catadores de lixo. Os critérios de inclusão foram: a residência na vila e a idade mínima de 16 anos. A amostra representa 28% da população local dentro dessa faixa etária.

Como instrumento de coleta de dados da parte quantitativa, foi utilizado um questionário composto por questões fechadas, previamente definidas, caracterizando um levantamento. A parte qualitativa caracterizou-se pela distribuição de cinco câmeras fotográficas descartáveis a catadores e quatro câmeras a não-catadores. Todos os fotógrafos participaram previamente do questionário. Entre os catadores, o critério de escolha foi a motivação demonstrada durante a aplicação do questionário. Entre os não-catadores, a escolha foi feita de acordo com a atividade que eles desenvolviam: um conselheiro municipal de saúde, uma empregada doméstica, uma estudante universitária e uma dirigente da Associação de Moradores.

Foi pedido a estes moradores que tirassem fotos do meio ambiente, da poluição e do que consideravam risco à saúde. Após a revelação das fotos, foi solicitada aos fotógrafos uma explicação de cada uma das imagens registradas por ele, possibilitando assim uma compreensão melhor da percepção ambiental do participante. O uso de fotos fundamentou-se no conceito de “imagens ambientais” descrito por Lynch⁴.

Cada participante assinou um termo de consentimento antes da entrevista, explicando os fins da pesquisa, assegurando a sua privacidade, bem como o direito de recuar na decisão de participar. Aos moradores fotógrafos foi entregue um segundo termo de consentimento, em que cederam os direitos das fotografias.

Análise de dados

Todas as respostas ao questionário foram consideradas sem grau de preferência ou pontuação. Os dados foram sumarizados, por grau de escolaridade e por comparação entre catadores e não-catadores.

As fotografias foram analisadas qualitativamente através de entrevistas com os fotógrafos. Isso tornou possível uma interpretação mais fiel das intenções dos participantes, e transmitiu uma ideia mais ampla a respeito da percepção que eles têm sobre o meio ambiente. Moraes⁵ enfatiza a importância do sentido simbólico na análise de conteúdo qualitativa, pois esse não é necessariamente manifesto ou com um único significado. Portanto, esse procedimento de análise permitiu um maior aprofundamento dos dados levantados nos questionários.

A principal limitação do estudo foi o baixo número de catadores que participaram da pesquisa. O número total de entrevistados também ficou abaixo do esperado. Estes fatos se devem à reduzida disposição da comunidade em responder o questionário. Entretanto, aqueles que recebe-

ram as câmeras demonstraram muito interesse na atividade. As imagens registradas pelos moradores foram, sem dúvida, o destaque do trabalho.

RESULTADOS

A amostra foi majoritariamente feminina (65%), jovem (metade com menos de 30 anos) e com baixa escolaridade (57% com 1º grau incompleto). Quase 50% dos entrevistados estavam sem emprego. Entre os empregados, 45% trabalhavam informalmente.

A principal fonte de conhecimento sobre o meio ambiente foi a escola (Tabela 1). As mídias transmitidas e impressas também foram muito citadas pelos entrevistados.

Tabela 1 - Fontes de conhecimento dos moradores sobre o meio ambiente.

Pergunta	Fator	Proporção (%)
Onde você aprendeu sobre o seu meio ambiente?	Escola	89,4
	Mídia transmitida	78,8
	Conversas com pessoas	78,8
	Mídia impressa	69,4
	Livros	63,5
	Posto de saúde/ profissional de saúde	44,7
	Associação dos moradores	23,5
	Internet	21,2

Escolaridade

Observou-se que, quanto maior a escolaridade, maior foi a percepção tanto da existência como da gravidade dos problemas ambientais. Os números mostram também que os menos instruídos não conseguiram fazer tanta relação entre qualidade ambiental e saúde, devido a seu conhecimento formal mais limitado (Tabela 2).

Todos os entrevistados consideraram a fumaça como poluente. Enquanto o lixo seco foi citado como poluição por somente 35% dos participantes e foi visto como o maior problema de meio ambiente da vila, por estar jogado nas ruas e arroio (Tabela 3).

A falta de consciência ambiental, por sua vez, foi apontada por 88% dos entrevistados como uma das causas dos problemas ambientais. Os participantes, de modo geral, disseram-se dispostos a começar a fazer as ações que ainda não praticam, visando à melhoria do meio ambiente da vila. Entre elas, a economia de energia, de gás e de água foi muito citada.

Tabela 2 - Percepções dos moradores de quais problemas ambientais existem, o grau de gravidade dos problemas e a associação com a saúde - por escolaridade

Pergunta	Fator	Proporção %			
		Catadores 1º grau		Não catadores 2º grau	
		Incompleto	Completo	Incompleto	Completo
Existem problemas de meio ambiente na sua comunidade?	Nenhum	14,3	0,0	0,0	0,0
	Poucos	14,3	16,7	13,3	0,0
	Muitos	71,4	83,3	86,7	100,0
Os problemas ambientais que existem são:	Leves	9,5	16,7	6,7	0,0
	Médio	23,8	33,3	6,7	7,1
	Graves	66,7	50,0	86,7	92,9
A poluição no meio ambiente da vila afeta a sua saúde.	Concordo	77,6	66,7	93,3	100,0
	Discordo	20,4	33,3	6,7	0,0

Tabela 3 - Percepção dos moradores sobre o que é poluição e quais são os problemas ambientais

Pergunta	Fator	Proporção (%)
Para você, poluição é:	Fumaça	100,0
	Químicos	90,6
	Lixo orgânico	75,3
	Ruído/barulho	56,5
	Lixo seco	35,3
Os problemas ambientais da vila incluem:	Lixo seco nas ruas e no arroio	89,4
	Lixo orgânico nas ruas e no arroio	88,2
	Fezes de animal	82,3
	Fumaça	74,1
	Desperdício de água	68,2
	Químicos/tóxicos	58,8
	Barulho	55,3
	Desperdício de luz	52,9
Desmatamento	44,7	

Foi pedido também aos entrevistados que ordenassem os responsáveis pelo meio ambiente da vila. A ordem final ficou desta forma:

1. Cada morador
2. Associação de moradores
3. Prefeitura municipal
4. Caminhão de lixo (DMLU)
5. Governo federal e/ou estadual
6. Eu

Neste aspecto, a escolaridade foi decisiva, pois os entrevistados com grau menor de instrução se veem menos responsáveis.

Catadores x Não-Catadores

A visão que os moradores tiveram do meio ambiente parece diretamente relacionada ao seu trabalho. Chamou a atenção que, apesar de tirarem do lixo o seu sustento e terem com ele contato frequente, menos da metade dos catadores consideraram o lixo como parte do seu meio ambiente.

Os catadores de lixo tiveram uma percepção diferenciada dos demais moradores, pois 30% não notaram nenhum problema ambiental na vila. A responsabilidade pessoal em relação ao meio ambiente também foi verificada com a concordância ou não da frase: “você não se importa com o meio ambiente da vila”. Novamente observou-se diferença de resposta entre ocupações, pois os catadores disseram estar menos preocupados com o meio ambiente (Tabela 4).

Tabela 4 - Percepção dos moradores da existência de problemas ambientais e da responsabilidade pelo meio ambiente - por ocupação

Pergunta	Fator	Proporção (%)	
		Catadores	Não catadores
Existem problemas de meio ambiente na sua comunidade?	Nenhum	30,8	4,2
	Poucos	15,4	11,1
	Muitos	53,8	84,7
Você não se importa com a poluição no meio ambiente da vila	Concordo	38,5	11,1
	discordo	61,5	87,5

Sobre os danos à saúde, 61% dos catadores perceberam o impacto que a poluição tem sobre a saúde. Este número subiu para 87% entre não catadores. A amostra evidenciou

que catadores notaram em si mais problemas de pulmão que os demais (Tabela 5).

Tabela 5 - Percepção dos moradores da existência de problemas pulmonares, por ocupação.

Pergunta	Fator	Proporção (%)	
		Catadores	Não catadores
Percebe em si problemas de pulmão?	Sim	46,2	22,3
	Não	53,8	77,8
Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de pulmão?	Última semana	50,0	18,7
	Último mês	16,7	18,8
	Último ano	16,7	37,6
	Últimos 5 anos	16,7	25,1

Em relação a problemas dérmicos, houve um empate (Tabela 6). Entretanto, os catadores notaram mais os sintomas na última semana que os não catadores. É muito comum perceber indícios de dermatites nos catadores, tais como manchas esbranquiçadas e pele descamando. O manuseio do lixo sem nenhum tipo de proteção, leva os autores a acreditar que catadores teriam mais problemas de pele que os não catadores.

Tabela 6 - Percepção dos moradores da existência de problemas dérmicos, por ocupação.

Pergunta	Fator	Proporção (%)	
		Catadores	Não catadores
Percebe em si problemas de pele?	Sim	23,1	23,6
	Não	76,9	76,4
Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de pele?	Última semana	66,7	47,1
	Último mês	0,0	17,7
	Último ano	33,3	23,5
	Últimos 5 anos	0,0	11,8

Contudo, não-catadores perceberam mais problemas gastrointestinais que os catadores (Tabela 7).

Tabela 7 - Percepção dos moradores da existência de problemas gastrointestinais, por ocupação.

Pergunta	Fator	Proporção (%)	
		Catadores	Não catadores
Percebe em si problemas de estômago ou intestino?	Sim	15,4	31,9
	Não	84,6	68,1
Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de estômago ou intestino?	Última semana	100,0	34,8
	Último mês	0,0	39,1
	Último ano	0,0	4,3
	Últimos 5 anos	0,0	21,7

É importante enfatizar que, independente do problema, quando perguntados quando tinha sido a última vez que perceberam os problemas de saúde, os catadores sempre optaram mais pela alternativa “última semana” (Tabelas 5, 6 e 7). Ou seja, os catadores parecem adoecer mais frequentemente que os não-catadores.

Fotografias

Foi pedido a cada um dos cinco catadores e quatro não-catadores que tirassem duas fotos do meio ambiente da vila, duas fotos de coisas que consideravam causadoras de poluição na vila e duas de situações que consideravam prejudicial à saúde dos moradores.

Na primeira categoria de fotos, quase todos os fotógrafos retrataram apenas o meio ambiente sadio, sem degradação. Já na segunda categoria, sete fotógrafos, sendo cinco destes catadores, registraram o Arroio Passo Fundo como gerador de poluição na vila (Figura 1). Nas entrevistas, alguns fotógrafos falaram dos tipos de lixo que são jogados no arroio. Um deles contou: “Se morre um bicho, eles jogam no arroio, não tão nem aí. Cachorro, gato. Nunca vi jogarem cavalo, acho só porque é muito grande”.



Figura 1 - O lixo no Arroio foi considerado gerador de poluição na vila.

O desperdício de água, citado por 71% dos não-catadores como problema ambiental, foi fotografado apenas uma vez. O mesmo aconteceu com a poluição sonora, considerado por 57% dos entrevistados como um dano ao meio ambiente. Uma fotógrafa criticou a Prefeitura, por achar a coleta de lixo insuficiente. Esta é a mesma queixa de 55% dos entrevistados, mas somente ela trouxe o assunto nas fotos. Aliás, esta moradora polemizou, ao afirmar que não via alternativa para os moradores senão jogar lixo no arroio, devido à incompetência dos órgãos públicos.

Apenas duas fotografias trouxeram em suas falas a falta de consciência das pessoas. Entretanto, esta foi a causa de problemas ambientais mais citada pelos entrevistados.

Por fim, a categoria de fotos que representam perigo à saúde, apresentou os ratos como grandes ameaças, sendo mencionados por sete fotografos: cinco deles catadores. Outros animais como cachorros, cavalos e mosquitos da dengue foram citados como causadores de doenças.

A fumaça, vista por todos os entrevistados como um perigo à saúde, também esteve presente nas fotografias (Figura 2), independente da ocupação do fotógrafo. Porém, nos questionários, a porcentagem de percepção de fumaça como um poluente da vila foi de 72%.



Figura 2 - A fumaça, decorrente do lixo queimado, foi considerada prejudicial à saúde

O arroio foi fotografado por alguns como gerador de doenças, mas somente uma fotografia afirmou que os verdadeiros responsáveis pelos danos à saúde são os que poluem as águas.

Um entrevistado, conselheiro municipal de saúde, considerou o lixo como um “gritante” problema de saúde pública e pontuou a falta de gestão e apoio à comunidade como os maiores perigos para a saúde dos moradores da vila. Ele falou: “o que mais me chateia quando eu vou grifar alguma coisa é a falta de informação, porque não adianta o poder público gastar uma fortuna com campanha, com mídia se a informação não chega dentro da comunidade, entendeu?”

DISCUSSÃO

Quase metade dos entrevistados não estava trabalhando e, entre os empregados, considerando a informalidade do serviço com o lixo, nota-se a dificuldade da população local de entrar no mercado formal de trabalho. Segundo os

critérios de Escorel¹⁶, pode-se definir tal população como excluída, por não ter garantidos e efetivados os seus direitos constitucionais. Os moradores da vila estão na grande fatia populacional que a autora ressalta como desnecessária na lógica produtiva do mercado de trabalho, com a consequente impossibilidade de ascensão social.

A baixa escolaridade da comunidade pode ser uma das causas desta dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho. Sabe-se que a qualidade educacional das escolas públicas é muito baixa. Paro⁶ nota que a democratização da educação não trouxe consigo uma adequação da metodologia e conteúdos para novas camadas sociais. Esse autor e Del Pino⁷ ressaltam que, no atual sistema neoliberal, que busca máxima eficiência de seus trabalhadores, a escola tem como função primária a formação para o mercado de trabalho. Contudo, questionam até que ponto isso é relevante para classes sociais mais baixas. A pesquisa apontou a baixa escolaridade, e uma das causas do abandono escolar pode ser justamente a falta de sentido que o estudo tem para os moradores da vila. Que razão há em se dedicar à formação de um mercado que não consegue incluir os excluídos de nascença? Nem Paro⁶, nem Del Pino⁷, nem os autores do trabalho questionam o direito constitucional de todos os cidadãos ao estudo, e sim a forma como ele se constitui.

Apesar da baixa escolaridade dos moradores, a escola foi identificada pelos entrevistados como a principal fonte de conhecimento sobre o meio ambiente, independente dos anos de estudo que o entrevistado possui. Santos⁸ aponta que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis de instrução e que, desta forma, as pessoas aprenderão desde cedo a construir suas próprias opiniões, não sendo, assim, vítimas da mídia.

Entretanto, as mídias transmitida e impressa foram também muito citadas como meio de aprendizagem sobre o meio ambiente. Sommer citado por Cuchukos e Zmitrowicz⁹, pontua que o obstáculo não está na falta de informação, e sim na população que não sente o meio ambiente como parte de si. Ou seja, os moradores não se apropriaram do meio e, como consequência, não se responsabilizaram pelos espaços públicos. Canuto citado por Silva¹⁰ descreve a mídia como democratizadora da questão ecológica, por levar às camadas populares o debate e informação sobre meio ambiente. D’ Amorin citado por Silva¹⁰ é mais cauteloso, afirmando que a mídia deseduca o público, por incentivar o consumismo desenfreado. Rodrigues¹¹ chama este modelo social de “civilização de dejetos”, pois ao mesmo tempo em que há o desejo constante por consumo, não aceita o lixo como consequência,

pois isto implicaria necessariamente no reconhecimento de que algo perdeu seu valor.

A internet, por sua vez, foi citada como meio de informação, independente dos anos de estudo. A pesquisa não levantou os locais onde os moradores encontram acesso à internet, mas revelou a tendência nacional de inserção de comunidades carentes aos meios virtuais, como prevê as políticas brasileiras de inclusão digital.

A conexão entre qualidade ambiental e de saúde também está relacionada à educação, pois, quanto maior os anos de estudos, mais os entrevistados notavam a existência de problemas ambientais e de danos que estes causam. Palma¹² afirma que a percepção se constituiu de acordo com o significado pessoal atribuído, resultante dos paradigmas e dos conhecimentos de cada um. Mucelin e Bellini¹³ acrescentam que a vivência cotidiana com a poluição faz com que as pessoas não reflitam sobre a existência e os riscos dela. Nesse sentido, os impactos que o ambiente sofre são percebidos como normais. Portanto, a rotina urbana estimula a elaboração mental das coisas que são percebidas. Em outras palavras, tudo o que é observado passa por uma mediação, que orienta as ações das pessoas.

Todavia, as condutas frente às questões ambientais não estavam ligadas aos anos de estudo. A concordância com a frase “você não se importa com o meio ambiente” não dependeu do grau de instrução. A amostra revelou que a maior escolaridade gera um maior senso crítico, porém este não levou necessariamente a uma maior consciência ambiental. Os próprios moradores sabiam disto. A falta de consciência comunitária foi apontada 88,24% dos entrevistados. Logo, o conhecimento não foi necessariamente colocado em prática, tampouco foi determinante para atitudes ecologicamente corretas. Katz citado por Silva¹⁰ ressalta que o ser humano está sempre em busca de uma coerência interna, entre a cognição e afeto. Os moradores sabiam o que precisavam fazer para preservar o meio ambiente, mas provavelmente por isto não lhes causar sentimentos mais intensos, não realizaram tais ações. Em outras palavras, não se sentem incoerentes por não fazerem o que sabem que deveriam fazer.

Como explicação para a falta de consciência comunitária observada nos moradores, bem como a baixa participação dos entrevistados na educação e no cuidado ambiental, está a tendência geral de espera por medidas assistencialistas. A maioria dos entrevistados afirmou que cada morador deve fazer sua parte, mas se colocaram em último lugar na ordem de responsáveis. Siqueira¹⁴ acrescenta que, no Brasil, há um histórico de processos decisórios não-participativos, em que as audiências públicas são uma mera formalidade legal e

não um espaço para trocas e debates da sociedade. Não há, portanto, interesse de uma efetiva participação popular nas decisões que são tomadas pelos governantes. A educação deveria ser um meio de tornar seus alunos cidadãos atuantes e conscientes de seus direitos e deveres, rompendo assim com a estagnação de grande parte do povo, mas não é isso que se vê na prática. Paro⁶ considera que as escolas públicas do Brasil não inserem em seus conteúdos a realidade local das camadas sociais mais baixas. Estando os moradores na condição de excluídos da sociedade, tendo estudado em escolas que não retratavam as suas realidades, é natural que não se sintam agentes fundamentais de mudanças ambientais.

Contudo, existiu uma declarada disposição dos entrevistados para começar a agir em prol do meio ambiente. A economia de energia, de gás e de água foi muito citada. Este fato se deve, provavelmente, ao prejuízo financeiro que o desperdício causa. Contudo, afirmar estar disposto a mudar de atitude e de fato começar a interagir de maneira diferente com o meio ambiente são coisas absolutamente distintas. Sabe-se que toda a mudança gera resistência e os programas de educação ambiental precisam ser contínuos, pois alterar o comportamento é um processo gradual, lento e longo.

A percepção ambiental também está diretamente ligada aos grupos sociais. Os catadores são uma subpopulação da vila, em que normas, comportamentos, sentimentos e sensações são diferenciados dos demais moradores. Apesar de dividirem o terreno de suas casas com o que catam nas ruas, 30,8% dos catadores entrevistados não consideraram o acúmulo de lixo em seus pátios como um problema ambiental. Rodrigues¹¹ fala do simbolismo que o lixo pode ter em diferentes comunidades e que esta percepção própria vai resultar em formas de interação diferenciadas. Tuan citado por Palma¹², fala que a proximidade física não gera necessariamente respostas emocionais mais intensas.

A ocupação, assim como a escolaridade, foi determinante tanto na percepção quanto no impacto que a poluição tem sobre a saúde. Constatou-se que comunidade de catadores da Vila Parque Santa Anita não utilizava nenhum tipo de material de proteção quando tinha contato direto com o lixo. Sisino e Oliveira, citados por Gonçalves¹⁵, afirmam que entre os problemas de saúde dos catadores brasileiros estão distúrbios intestinais, doenças dérmicas e respiratórias. Gonçalves¹⁵ ressalta que aqueles que retiram seu sustento das ruas e não fazem uso de proteção estão mais sujeitos a doenças, pelo contato com a pele ou inalação. Os catadores entrevistados notaram problemas dérmicos com mais frequência que não-catadores. As possíveis

causas são, além do manuseio do lixo sem qualquer tipo de proteção, o contato constante com a água do arroio e a menor consciência dos riscos relacionados à poluição.

Em relação às doenças respiratórias dos catadores, deve-se considerar, como uma das causas, a fumaça resultante das queimas do lixo. Sisino e Oliveira, citados por Gonçalves¹⁵, acrescentam às causas a péssima qualidade das moradias e as carências nutricionais. Os problemas respiratórios são agravados pelo consumo de cigarros, hábito comum entre os catadores e frequentemente observado durante a aplicação dos questionários.

Entretanto, os não-catadores notaram em si mais doenças gastrointestinais que os catadores. Aqueles que trabalham com lixo estão constantemente expostos a doenças, mas também criam maiores imunidades. Esta pode ser uma explicação para esta observação. Eigenheer e Zanon, citados por Gonçalves¹⁵, pensam diferente dos demais teóricos, pois afirmam que o lixo não é um risco tão significativo para a saúde. Para estes autores, o que existe é um grande desprezo da sociedade em relação às experiências sensoriais ligadas ao lixo e aos que se sustentam dele.

Nas fotografias, não houve discrepância relacionada à escolaridade ou ocupação. Todos os fotógrafos seguiram o mesmo modelo de fotografia do meio ambiente. Lynch⁴ ressalta que, apesar da percepção ser muito pessoal, existe um consenso comunitário.

O Arroio Passo Fundo foi visto pelos fotógrafos como o maior poluidor da vila. Foi constatado que, além de ser o local preferido de depósito de lixo, o arroio serve como indicador da percepção ambiental. É isso que liga este trabalho à saúde pública, pois sem compreender como as áreas mais vulneráveis notam e interagem com o seu entorno, não é possível entender como se dá a relação deles com a sua própria saúde. Importante salientar que todos os catadores fotógrafos residiam às margens do arroio, fato que não se repete entre os demais moradores. Morar tão perto do arroio pareceu ser um determinante na escolha da imagem.

A justificativa de uma fotografia de que jogar lixo no arroio é a única alternativa para os moradores, pois considerava a coleta de lixo ineficiente, remete a já comentada característica dos moradores de espera por medidas assistencialistas. Somente uma fotógrafa comentou que “perigo para a saúde dos moradores são os próprios moradores”, conduzindo à reflexão sobre as responsabilidades pessoais em relação ao meio, bem como os resultados que a atitude de um gera na vida alheia.

Pessoas que não têm suas necessidades básicas atendidas, que não sabem se terão o que comer amanhã e que vivem apenas o agora, não acham sentido em preservar

o meio ambiente visando um futuro que talvez não lhes pertença. Neste sentido, um fotógrafo destacou o papel do Estado de garantir a todos um meio ambiente saudável, pois esse é um direito constitucional e cabe ao poder público fornecê-lo à população. O referido fotógrafo nota que não faltam verbas, mas sim capacidade para gerenciar os recursos destinados à saúde e ao bem-estar da população. Escorel¹⁶ fala muito sobre a exclusão dos mais pobres, e que a falta de atenção prestada pelos órgãos públicos apenas reforça a marginalidade. Rodrigues¹¹ salienta que, na forma como a sociedade se estrutura, o objetivo dos centros urbanos é empurrar para as periferias, ou seja, para os excluídos, todo o descarte urbano. O lixo pode então ser visto sob dois aspectos: total desvalor para as classes mais endinheiradas e moeda de sustento para as camadas mais pobres da sociedade.

Na categoria de fotos que representam perigo à saúde, fica evidente que experiência sensorial foi fundamental, seja ela visual, como o lixo nas ruas e arroio, ou olfativa, como a fumaça e as fezes dos animais. Marin *et al.*, citados por Silva¹⁷, ressaltam que este tipo de percepção liga mais as pessoas aos aspectos culturais e às diversidades biológicas do ambiente.

Os ratos foram apontados pelos fotógrafos como grandes ameaças. Sosnoski¹⁸ nota que a grande maioria dos trabalhadores do lixo não fazem conexão entre suas atividades profissionais e os problemas de saúde. A autora também observa que os trabalhadores do lixo só conseguem associar sua atividade com riscos à saúde quando eram citados os ratos e a mistura de lixo seco e orgânico.

Outros animais também foram vistos como perigosos. A pilha de pneus amontoados pelos vizinhos dos catadores foi identificada por duas fotógrafas catadoras como uma ameaça de dengue. Entretanto, em nenhum momento elas reconheceram que no pátio da casa delas existem infinitos potenciais locais para a proliferação do mosquito. Fica claro que as políticas do Governo estão sendo informativas, mas não educativas, à medida que as pessoas entendem que apenas pneus, caixas d'água e vasos de flores são criadouros de mosquitos.

A fumaça também foi vista como ameaça à saúde. Chama atenção que foram os catadores, os responsáveis por atear fogo, os que mais notam os perigos das queimas de lixo. Rodrigues¹¹, por sua vez, faz uma curiosa analogia entre o lixo e cadáveres. Para ele, quando se recicla ou queima o lixo, ele perde a sua identidade. O mesmo acontece com os mortos, quando enterrados ou cremados. A pesquisa não levanta por que os catadores ateam fogo no lixo, mas provavelmente é pra dar fim ao que já foi fadado ao fim.

CONCLUSÃO

Constatou-se, com esta pesquisa, que as ações dos moradores na vila estavam diretamente relacionadas a seu meio ambiente. Esta visão foi fundamentada tanto em experiências e conhecimentos pessoais, como em paradigmas sociais.

A escolaridade foi determinante de uma maior percepção dos problemas de meio ambiente, porém não resultou obrigatoriamente uma maior consciência ambiental. A escola foi a maior fonte de informação sobre meio ambiente em qualquer grau de instrução ou ocupação, seguida das mídias transmitida e impressa. Em relação a ações, os entrevistados consideraram que cada um deve se responsabilizar mais pelo que é seu, porém se colocaram em último lugar na ordem de responsáveis pelo meio ambiente da vila. Notou-se que os moradores não se viam como agentes sociais e, conseqüentemente, não se responsabilizaram pelos espaços públicos. Somou-se a isto a tendência dos brasileiros de esperar por medidas assistencialistas.

Observaram-se também significativas diferenças entre os que trabalham com lixo e os que não exercem essa ocupação. A percepção ambiental dos catadores estava intimamente ligada a sua ocupação, portanto se distinguiu muito dos demais, principalmente por notarem menos problemas de meio ambiente que aqueles que não trabalham com lixo. Tanto a ocupação quanto a escolaridade foram fundamentais para a percepção do impacto que a poluição tem na saúde.

Os animais, especialmente os ratos, foram os mais citados como causadores de doenças. Apenas parte das imagens e conteúdos trazidos nas entrevistas sobre as fotos casavam perfeitamente com os dados obtidos por meio quantitativos. A percepção e registros fotográficos dos geradores de poluição e prejuízos à saúde estavam diretamente vinculados à escolaridade, ocupação e interação com o meio.

REFERÊNCIAS

1. Pontifícia Univerdade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Diagnóstico sócio-ambiental da Vila Parque Santa Anita. Porto Alegre; PUC-RS; 2004.
2. Landim FLP, Lourinho LA, Lira RC. Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa. *Rev Bras Promoção Saúde*. 2006; 19(53):8. [Citado em 2007 dez. 24]. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=40819110&iCveNum=0>
3. Neves JL. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cad Pesq Administração*. 1996; 1(3). [Citado em 2007 dez. 24]. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>
4. Lynch K. *A imagem urbana*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
5. Moraes R. Análise de conteúdo. *Educação*. 1999 mar; 22(37):7-32.
6. Paro VH. Um objetivo político para a escola pública. In: Paro VH. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática; 1997. p. 84-9.
7. Del Pino M. Política educacional, emprego e exclusão social. In: Gentil P, Frigotto, Gaudêncio, organizadores. *A cidadania negada*. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 2002. p. 65-88.
8. Santos AFL. Educação ambiental: desenvolvendo o senso crítico. [Citado em 2008 maio 28]. Disponível em: <http://www.apoema.com.br/EA-Desenvolvendo%20o%20Senso%20Critico-Aristides.pdf>
9. Cuchukos MN, Zmitrowick W. O papel do poder público municipal e dos cidadãos no gerenciamento do lixo urbano. *Bol Técn Esc Politécn USP*. 2002. (324): 23-4.
10. Silva MCVGS. O papel da mídia na mudança de atitudes e comportamento com relação a questão ambiental. *Ecos Rev*. 1998 ago; 2(2):85-8.
11. Rodrigues JC. *O corpo e a história*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1999. 198p.
12. Palma IR. Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental [dissertação]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais - PPGEM, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005. 67p.
13. Mucelini CA, Bellini M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza*. 2008 jun; 20 (1):111-24. [Citado em 2008 dez. 27].

nível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132008000100008&lang=pt.

14. Siqueira LC. Política ambiental para quem? *Ambient Soc.* 2008; 11(2):425-37.

15. Gonçalves RS. Catadores de materiais recicláveis: trajetória de vida, trabalho saúde. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; 2004. [Citado em 2008 jan. 08]. Disponível em: <http://teses.cict.fiocruz.br/pdf/goncalvesrsm.pdf>

16. Escorel S. Exclusão social e saúde. *Saúde Debate.* 1994 jun; (43):38-43.

17. Silva CMS. A percepção ambiental de moradores de comunidades carentes - ZEIS Brasil; 2006. [Citado em 2007 out. 10]. Disponível em: <http://www.cefetpe.br/cefetpe.br/novosite/gepp/pibic0506/cassiamilena.pdf>

18. Sosniski C. Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo: estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros [Dissertação]. Porto Alegre: UFRGS; 2006. 130p.

Submissão: abril de 2009

Aprovação: agosto de 2009
